

1º LUGAR DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *NEW YORK TIMES*

JENNIFER L. ARMENTROUT

ÔNIX
SAGA LUX LIVRO 2

TUDO ESTÁ PRESTES A MUDAR!

valentina 

ÔNIX
SAGA LUX LIVRO 2



JENNIFER L. ARMENTROUT

ÔNIX
SAGA LUX LIVRO 2




valentina
Rio de Janeiro, 2016
1ª edição

Copyright © 2012 by Jennifer L. Armentrout

Publicado mediante contrato com Entangled Publishing, LLC, através da Rights Mix.

TÍTULO ORIGINAL

Onyx

CAPA

Beatriz Cyrillo

FOTO DE CAPA

Liz Pelletier

FOTO DA AUTORA

Vanessa Applegate

DIAGRAMAÇÃO

Imagem Virtual Editoração

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A76o

Armentrout, Jennifer L.

Ônix / Jennifer L. Armentrout; tradução Bruna Hartstein. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

416 p. ; 23 cm. (Lux; 2)

Tradução de: *Onyx*

Sequência de: *Obsidiana*

Continua com: *Opala*

ISBN 978-85-65859-89-9

1. Romance americano. I. Hartstein, Bruna. II. Título. III. Série.

CDD: 813

16-32323

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

*Dedicado a amantes de livros e blogueiros literários
de todos os cantos e tamanhos.*



Não mais do que dez segundos após entrar em sala e se sentar, Daemon Black cutucou minhas costas com a ponta de sua maldita caneta. Dez segundos. Virando-me na cadeira, inalei aquele perfume de natureza e especiarias tão típico dele.

Ele puxou a mão de volta e bateu com a tampa azul da caneta no canto dos lábios. Lábios com os quais eu estava bastante familiarizada.

— Bom dia, gatinha.

Forcei-me a encará-lo. Seus olhos eram de um verde reluzente, semelhante ao caule de uma rosa recém-colhida.

— Bom dia, Daemon.

Meu vizinho virou a cabeça ligeiramente de lado, e uma mecha de cabelos escuros e rebeldes caiu-lhe sobre a testa.

— Não esqueça que temos planos para esta noite.

— Eu sei. Mal posso esperar — respondi secamente.

Daemon se debruçou sobre a carteira e a inclinou um tiquinho para a frente; o movimento fez o pulôver escuro se esticar sobre os ombros largos. Escutei o suave arquejar de minhas amigas, Carissa e Lesa, e senti os olhos da sala inteira fixos na gente. Ele curvou os lábios mais um pouco como se estivesse rindo de uma piada que só ele entendeu.

O silêncio que se seguiu tornou-se subitamente pesado demais.

— *Que foi?*

— Precisamos trabalhar no seu rastro — disse ele, baixo o bastante para que apenas eu conseguisse escutar. Graças a Deus. Tentar explicar o que significava um rastro para a população geral não era algo que eu quisesse fazer. *Ah, vocês sabem, é só um resíduo de poder alienígena que fica grudado nos humanos e faz com que eles brilhem como uma árvore de Natal, tornando-os um farol ambulante para uma raça de extraterrestres perversos. Querem um pouco?*

Ã-hã.

Peguei minha própria caneta e considerei por alguns instantes cutucá-lo com ela.

— É, já imaginava.

— Tenho uma boa ideia de como podemos fazer isso.

Eu sabia que “boa ideia” era essa. Eu. Ele. Juntos em um amasso. Sorri, e seus olhos verdes se aqueceram.

— Gostou da ideia? — murmurou Daemon, baixando os olhos para meus lábios.

Um desejo nada saudável fez meu corpo inteiro vibrar, mas me lembrei de que aquela repentina mudança de comportamento tinha mais a ver com seu abraçadabra alienígena bizarro do que com ele gostar de mim. Desde que Daemon me curara, após a batalha com o Arum, estávamos conectados e, embora isso parecesse o suficiente para fazê-lo querer mergulhar de cabeça num relacionamento, para mim não era.

Aquilo não era *real*.

Eu desejava o que meus pais tinham. Um amor incondicional. Poderoso. Verdadeiro. Uma maldita conexão alienígena não era o suficiente para mim.

— Só se for em outra vida, amigo — respondi por fim.

— Resistir é inútil, gatinha.

— Assim como seu charme.

— Veremos.

Revirei os olhos e me virei de volta para o quadro-negro. Daemon era um verdadeiro gato, mas podia ser também um completo babaca, o que, de vez em quando, anulava totalmente o apelo da beleza. Mas nem sempre.

Nosso caquético professor de trigonometria entrou em sala segurando uma pilha grossa de papéis enquanto esperava o sinal tocar.

Daemon me cutucou novamente com a caneta.

Fechei as mãos e cheguei a pensar em ignorá-lo, mas sabia que isso não adiantaria. Ele simplesmente continuaria me cutucando. Virei-me mais uma vez e o fitei com irritação.

— *O que foi agora?*

Ele se moveu mais rápido do que uma cobra dando o bote. Com um sorrisinho que me provocava uma sensação engraçada no estômago, deslizou os dedos pelo meu rosto, afastando uma mecha de cabelo que caíra sobre meus olhos.

Olhei fixamente para ele.

— Depois da aula...

Comecei a imaginar uma série de situações loucas ao ver seu sorrisinho tornar-se mais malicioso, mas me recusava a continuar jogando aquele jogo. Revirei os olhos e voltei a olhar para o quadro-negro. Precisava resistir aos hormônios... e à maneira como ele mexia comigo como nenhum outro.

Pelo resto da manhã, senti um leve pulsar incômodo atrás do olho esquerdo, o que só podia ser culpa do Daemon.

Na hora do almoço, a sensação era de que alguém tinha me dado uma forte pancada na cabeça. O burburinho de conversas no refeitório aliado ao cheiro de desinfetante e comida queimada me deram vontade de sair dali correndo.

— Você não vai comer isso? — Dee Black apontou para meu prato intocado de abacaxi com ricota.

Fiz que não e empurrei a bandeja na direção dela, sentindo o estômago revirar ao ver Dee cair de boca na comida.

— Você come o suficiente para alimentar um time inteiro de futebol — comentou Lesa, os olhos brilhando com indisfarçável inveja. Não podia culpá-la. Eu mesma já vira Dee devorar um pacote gigante de biscoitos recheados de *uma vez só*. — Como você consegue?

Dee deu de ombros.

— Tenho um metabolismo acelerado.

— O que vocês fizeram no fim de semana? — perguntou Carissa, franzindo o cenho enquanto limpava os óculos na manga da camisa. — Passei o sábado e o domingo preenchendo formulários de inscrição para as universidades.

— Eu passei o fim de semana inteirinho com o Chad. — Lesa deu uma risadinha.

As duas olharam para mim e para Dee, esperando que disséssemos alguma coisa. Imaginei que matar-um-alienígena-psicopata-e-quase-ser-morta-no-processo não fosse algo sobre o qual eu pudesse falar.

— Demos uma volta e assistimos a alguns filmes idiotas — respondeu Dee, sorrindo para mim de maneira conspiratória e prendendo uma mecha de cabelos pretos e brilhantes atrás da orelha. — Nada muito interessante.

Lesa bufou.

— Vocês são tão chatas.

Fiz menção de sorrir, mas senti um arrepio quente na nuca. A conversa cessou subitamente e, segundos depois, Daemon se sentou na cadeira à minha esquerda. Um copo plástico de iogurte de morango (meu predileto) foi colocado diante de mim. Fiquei mais do que um pouco chocada por ganhar um presente do Daemon, principalmente uma das minhas bebidas favoritas. Meus dedos roçaram os dele ao pegar o copo, e uma corrente de eletricidade percorreu minha pele.

Puxei a mão rapidamente e tomei um gole. Delicioso. Talvez aquilo acalmasse a sensação estranha em meu estômago. E talvez eu conseguisse me acostumar com aquele novo e atencioso Daemon. Muito melhor do que sua tradicional versão insuportável.

— Obrigada.

Ele sorriu em resposta.

— Não trouxe pra gente? — alfinetou Lesa.

Daemon riu.

— Estou aqui para servir uma única pessoa em particular.

Senti as bochechas queimarem enquanto afastava a cadeira um tiquinho.

— Você não está aqui para me servir em coisa alguma.

Ele se inclinou na minha direção, diminuindo o pequeno espaço que eu pusera entre nós.

— Ainda.

— Ah, para com isso, Daemon. Eu estou bem aqui. — Dee franziu o cenho. — Você vai me fazer perder o apetite.

— Como se isso pudesse acontecer — retrucou Lesa com um revirar de olhos.

Daemon abriu a mochila e pegou um sanduíche. Só ele conseguia matar aula para comprar almoço e não acabar na detenção. Meu vizinho era tão... *especial*. Afora Dee, todas as garotas na mesa estavam com os olhos fixos nele. Alguns dos caras também.

Ele ofereceu à irmã um cookie de aveia.

— Não temos planos a fazer? — perguntou Carissa, as bochechas brilhando de vergonha.

— Temos, sim — respondeu Dee, dando uma risadinha para Lesa. — Grandes planos.

Esfreguei uma das mãos na testa para secar a camada de suor frio e pegajoso que cobria minha pele.

— Do que vocês estão falando?

— Dee e eu estávamos conversando na aula de literatura inglesa sobre dar uma festinha daqui a uns quinze dias — interveio Carissa. — Alguma coisa...

— Grande — completou Lesa.

— Pequena — corrigiu a outra, estreitando os olhos para a amiga. — Algo íntimo para poucas pessoas.

Dee assentiu, e seus olhos verdes e naturalmente brilhantes cintilaram de animação. Em seguida sugeriu:

— Nossos pais vão viajar na sexta. Teremos a casa só para nós.

Olhei de relance para o Daemon, que deu uma piscadinha. Meu coração idiota pulou uma batida.

— É tão legal seus pais permitirem que vocês deem uma festa em casa — comentou Carissa. — Os meus me dariam uma bronca só pela sugestão.

Dee deu mais uma vez de ombros e desviou os olhos.

— Nossos pais são muito legais.

Forcei uma expressão impenetrável ao sentir uma fisgada de dor no coração. Eu realmente acreditava que tudo o que a Dee mais queria na vida

era que seus pais estivessem vivos. Talvez o Daemon também. Desse modo ele não seria obrigado a carregar o peso da responsabilidade por sua família.

Durante o tempo em que passáramos juntos, eu acabara descobrindo que grande parte de seu comportamento irascível era decorrente do estresse. Para não falar na morte do irmão gêmeo...

A festa se tornou o principal assunto durante o restante do almoço. O que era legal, pois distraía a atenção do meu próprio aniversário no próximo sábado. Na sexta, a escola inteira já estaria sabendo dos planos. Em uma cidade onde se reunir num milharal numa sexta à noite para beber cerveja era o ápice da diversão, de forma alguma a festa seria “pequena”. Será que Dee se dava conta disso?

— Você não se importa? — sussurrei para o Daemon.

Ele deu de ombros.

— Como se eu pudesse impedi-la.

Eu sabia que ele poderia se quisesse, o que significava que não se incomodava.

— Quer um cookie? — ofereceu ele, segurando diante de mim um daqueles com gotas de chocolate.

Enjoada ou não, não dava para recusar.

— Claro.

Com os lábios repuxados num dos cantos, ele se inclinou na minha direção até parar com a boca a centímetros da minha.

— Vem pegar.

Vem pegar? Daemon prendeu o cookie entre aqueles lábios cheios e altamente beijáveis.

Ai, santos bebezinhos alienígenas...

Meu queixo caiu. Várias das meninas sentadas à nossa mesa emitiram um som que me fez imaginá-las se derretendo entre os pés de suas respectivas cadeiras, mas não consegui me forçar a verificar o que estariam fazendo de fato.

O cookie, e aqueles lábios, estavam bem *ali*.

Uma onda de calor invadiu meu rosto. Podia sentir os olhos de todo mundo, inclusive os dele, fixos em mim... Deus do céu. Daemon arqueou uma das sobrancelhas de modo desafiador.

Dee gaguejou:

— Acho que vou vomitar.

A vergonha era tanta que senti vontade de me enfiar num buraco. O que ele achava que eu iria fazer? Tirar o cookie da sua boca como uma versão proibida para menores de *A Dama e o Vagabundo*? Bosta, eu meio que queria, e não sabia ao certo o que isso dizia de mim.

Ele ergueu a mão e tirou o cookie da boca. Seus olhos brilhavam como se tivesse vencido uma batalha.

— Tempo esgotado, gatinha.

Fuzilei-o com os olhos.

Daemon partiu o cookie em dois e me entregou o pedaço maior. Peguei-o rapidamente, um pouco tentada a jogá-lo de volta na cara dele, mas... era um cookie com gotas de chocolate. Assim sendo, comi com profundo prazer.

Após tomar outro gole do iogurte, senti um calafrio estranho na espinha, como se alguém estivesse me observando. Corri os olhos em volta do refeitório, esperando deparar-me com a ex-namorada alienígena do Daemon me lançando seu tradicional olhar de puro ódio, mas Ash Thompson estava conversando com outro garoto. Hum. Seria ele um Luxen? Não havia muitos da idade deles, embora eu duvidasse de que a Ash, sempre tão superior, fosse sorrir para um reles garoto humano. Desviei o olhar da mesa deles e verifiquei o restante da cantina.

O sr. Garrison estava parado ao lado das portas duplas de acesso à biblioteca, mas ele observava uma mesa cheia de grandalhões idiotas que brincavam de fazer desenhos intrincados com o purê de batatas. Ninguém mais olhava em nossa direção.

Balancei a cabeça, sentindo-me tola por ter me assustado por nada. Não era como se um Arum fosse surgir subitamente no meio da cantina de um colégio. Talvez eu tivesse pegado um resfriado ou algo do gênero. Minhas mãos tremeram um pouco ao envolver a corrente que trazia em volta do pescoço. A obsidiana estava fria em contato com a pele, o que era reconfortante — um amuleto de proteção. Eu precisava parar de me assustar com qualquer coisa. Talvez fosse por isso que estivesse sentindo a cabeça tão leve e entorpecida.

Isso certamente não tinha nada a ver com o garoto sentado ao meu lado.



Não cheguei nem a soltar meu famoso gritinho de felicidade ao entrar no correio e encontrar vários pacotes à minha espera. Todos continham provas de livros reenviadas por blogueiros para serem resenhadas e divulgadas. Ainda assim, reagi, sei lá, quase com indiferença. Um indício indiscutível de que eu devia ter contraído a doença da vaca louca.

A viagem de volta para casa foi uma tortura. Minhas mãos estavam fracas. Não conseguia forçar a mente a se concentrar em coisa alguma. Apertando os pacotes de encontro ao peito, ignorei o arrepio na nuca ao subir os degraus da varanda. Ignorei também o pedaço de mau caminho de mais de um metro e oitenta recostado contra o corrimão.

— Você não voltou direto para casa depois da aula. — Seu tom soou irritado. Como se eu tivesse minha própria versão ensandecida e deslumbrante de um agente do Serviço Secreto e tivesse conseguido despistá-lo.

Com a mão livre, peguei a chave de casa.

— Como você pode ver, dei uma passada no correio. — Abri a porta e soltei os pacotes sobre a mesinha do vestibulo. Claro que ele não esperou ser convidado e entrou atrás de mim.

— Sua correspondência podia esperar. — Daemon me seguiu cozinha adentro. — Que pacotes são aqueles? Apenas livros?

Peguei a jarra de suco de laranja na geladeira. Quem não era apaixonado por livros jamais entenderia.

— Sim, *apenas* livros.

— Sei que não deve haver nenhum Arum nas redondezas no momento, mas cuidado nunca é demais e, nas atuais circunstâncias, seu rastro poderia atraí-los direto para cá. Por ora, isso é mais importante do que seus livros.

Na-na-ni-na-não, os livros eram mais importantes do que qualquer Arum. Servi um copo do suco, cansada demais para discutir aquele assunto com o Daemon. Ainda não tínhamos conseguido dominar a arte de conversar com educação.

— Aceita um copo?

Ele suspirou.

— Aceito. Tem leite?

Aponte para a geladeira.

— Sirva-se.

— Foi você quem ofereceu. Não vai pegar pra mim?

— Eu te ofereci suco de laranja — retruquei, levando o copo para a mesa. — Mas pode pegar o leite. Só mantenha a voz baixa. Minha mãe está dormindo.

Murmurando alguma coisa por entre os dentes, ele se serviu de um copo de leite. Ao se sentar ao meu lado, notei que estava usando uma calça de corrida preta, o que me fez lembrar a última vez em que estivera na minha casa com uma indumentária semelhante. Tinha sido uma noite e tanto. A discussão acabara se transformando numa daquelas tórridas sessões de amassos retiradas dos romances de banca que eu adorava ler. O encontro *ainda* me mantinha acordada à noite. Não que eu jamais fosse admitir.

Daemon era tão delicioso, mas seu poder alienígena havia estourado a maior parte das lâmpadas da casa e fritado meu laptop. Eu realmente sentia falta do computador e de acessar o blog a qualquer hora. Mamãe me prometera um novo de aniversário. Mais duas semanas...

Sem erguer os olhos, comecei a brincar com o copo.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Depende — respondeu ele tranquilamente.

— Você... sente alguma coisa quando está perto de mim?

— Além do que senti hoje de manhã ao ver como você estava deliciosa nesse jeans?

— Daemon. — Suspirei, tentando ignorar a garotinha interior que começou a gritar: ELE REPAROU EM MIM! — Estou falando sério.

Seus longos dedos traçavam círculos de maneira distraída sobre o tampo da mesa de madeira.

— Sinto um arrepio quente na nuca. É disso que você está falando?

Ergui os olhos. Seus lábios estavam repuxados num meio sorriso.

— É, então quer dizer que você também sente?

— Sempre que chegamos perto um do outro.

— Isso não te incomoda?

— Incomoda você?

Não sabia ao certo o que dizer. Não era uma sensação dolorosa nem nada do gênero, apenas estranha. No entanto, o que isso significava me incomodava, sim. Era a maldita conexão sobre a qual não sabíamos nada. Até mesmo nossos corações batiam de maneira idêntica.

— Pode ser um... efeito colateral da cura. — Daemon me observou por cima da borda do copo. Aposto que ele continuaria maravilhoso com um bigodinho branco de leite. — Tá se sentindo bem? — perguntou.

Na verdade, não.

— Por que a pergunta?

— Você tá com uma cara péssima.

Em qualquer outro momento, o comentário teria começado uma guerra. Em vez disso, simplesmente botei meu copo pela metade de volta sobre a mesa.

— Acho que peguei alguma coisa.

Ele franziu o cenho. Daemon não sabia o que era ficar doente. Os Luxen não adoeciam. Tipo, nunca.

— Qual é o problema?

— Não sei. Devo ter pego algum vírus alienígena.

Ele bufou.

— Duvido. Você não pode se dar ao luxo de ficar doente. Precisamos sair e trabalhar para apagar esse rastro. Até lá, você...

— Se disser que eu sou uma fraqueza, vou te arrebentar. — A náusea deu lugar à raiva. — Acho que já provei que não sou, especialmente depois de ter atraído o Baruck para longe da sua casa e de ter sido *eu* quem o matou. — Lutei para manter a voz baixa. — Só porque sou humana isso não significa que seja fraca.

Ele se recostou na cadeira e ergueu as sobranceiras.

— Eu ia dizer que até lá você está *em perigo*.

— Ah. — Senti as bochechas corarem. Ops. — Bom, de qualquer forma, não sou fraca.

Num segundo, Daemon estava sentado à mesa e, no seguinte, ajoelhado ao meu lado. Ele precisou erguer ligeiramente a cabeça para me fitar.

— Sei que você não é fraca. Já provou que não. Isso que você fez no último fim de semana, canalizar nossos poderes, ainda não faço ideia de como aconteceu, mas mostrou que você não é fraca. Nem um pouco.

Uau. Era difícil me ater à decisão de não ceder àquela ideia ridícula de ficarmos juntos com ele se mostrando tão... *gentil*, e me fitando como se eu fosse o último pedaço de chocolate no mundo inteiro.

O que me fez lembrar do maldito cookie com gotas de chocolate em sua boca.

Seus lábios elevaram-se ligeiramente nos cantos, como se ele soubesse o que eu estava pensando e estivesse se esforçando para não sorrir. Não aquele típico sorrisinho presunçoso, mas um sorriso de verdade. De repente, Daemon se levantou, parecendo um gigante ao meu lado.

— Agora, preciso que me prove de novo. Levanta a bunda dessa cadeira e vamos trabalhar para apagar esse rastro.

Gemi.

— Daemon, realmente não estou me sentindo bem.

— Kat...

— Não tô tentando bancar a chata. Sinto como se fosse vomitar a qualquer momento.

Ele cruzou os braços musculosos, o tecido esticado da camiseta Under Armour realçando o peitoral.

— Não é seguro você ficar zanzando por aí parecendo um maldito farol. Enquanto o rastro estiver visível, você não pode fazer nada. Não pode ir a lugar nenhum.

Afastei a cadeira, tentando ignorar as reviravoltas em meu estômago.

— Vou trocar de roupa.

Ele arregalou os olhos, surpreso, e deu um passo para trás.

— Você vai ceder assim tão facilmente?

— Ceder? — Ri, mas sem o menor traço de humor. — Tudo o que eu quero é que você suma da minha frente.

Daemon soltou uma sonora gargalhada.

— Continue repetindo isso, gatinha.

— Continue dando ouvidos a esse seu ego bombado.

Em um piscar de olhos, ele estava diante de mim, bloqueando o caminho. Em seguida, deu um passo à frente e abaixou a cabeça, os olhos brilhando intensamente. Recuei até bater na beira da mesa.

— Que foi? — exigi saber.

Ele apoiou as mãos em meus quadris e se inclinou para a frente. Com os olhos fixos um no outro, senti sua respiração quente em contato com meu rosto. Daemon se aproximou um milímetro e seus lábios roçaram meu queixo. Um ofego estrangulado escapou da minha garganta, e oscilei de encontro a ele.

Meio segundo depois, Daemon se afastou com uma risadinha pre-sunçosa.

— Hum... acho que o problema não é meu ego, gatinha. Agora, vai se arrumar.

Merda!

Mostrando-lhe o dedo do meio, saí da cozinha e subi para o quarto. Minha pele estava suada e pegajosa, e isso não tinha nada a ver com o que acabara de acontecer. Ainda assim, vesti a calça de ginástica e uma blusa quente. Correr era a última coisa que desejava fazer. Não que esperasse que ele fosse se importar com o fato de eu não estar me sentindo bem.

Daemon só se importava consigo mesmo e com a irmã.

Isso não é verdade, sussurrou uma voz irritante e insidiosa em minha cabeça. Talvez a voz estivesse certa. Ele havia me curado, quando podia muito bem ter me deixado morrer. Além disso, eu escutara seus pensamentos, o ouvira implorar para que não o deixasse.

De qualquer forma, enquanto tentava engolir a vontade de vomitar e me preparava para uma divertida corrida, algum sexto sentido me dizia que aquilo não ia acabar bem.